

Colonização das Américas

João Pedro Ricaldes dos Santos - História

Antes da chegada dos europeus ao continente americano, havia cerca de 88 milhões de ameríndios vivendo no continente. Algumas das civilizações pré-colombianas já tinham desaparecido antes da primeira chegada permanente dos europeus (c. final do séc. XV - início do séc. XVI), e são conhecidas apenas através de pesquisas arqueológicas. O termo pré-colombiano é frequentemente utilizado especialmente no contexto das grandes civilizações indígenas das Américas, como as da Mesoamérica (os olmecas, os toltecas, os teotihuacanos, os zapotecas, os mixtecas, os astecas e os maias) e dos Andes (os incas, moches, chibchas, cañaris).

As civilizações urbanas pré-colombianas (astecas, maias e incas) tinham como características comuns o grande desenvolvimento da agricultura, artesanato e comércio, uma sociedade dividida em classes sociais vivendo em centros urbanos organizados, onde se verificava a exploração de outros povos indígenas (nos Impérios Asteca, Inca e Maia)

As sociedades nômades da América pré-colombiana espalhavam-se por territórios hoje localizados no Brasil e América do Norte (exceto México). Apresentavam como características comuns a economia de subsistência e extrativista, a propriedade coletiva, a inexistência de classes sociais, o nomadismo e o semi-nomadismo.

A conquista destes dois grupos de povos pré-colombianos pelos europeus ocorreu através da combinação de vários elementos. A superioridade militar dos europeus era evidente (uso de armas de fogo, do aço e do cavalo). A transmissão de doenças comuns na Europa (gripe, varíola, sarampo) mostrou-se fatal na América.

Além disto, o domínio cultural foi possibilitado pela progressiva desmoralização dos chefes militares e religiosos, com imposição do cristianismo. Também contribuiu para a dizimação indígena o processo de deslocamento massivo e obrigatório da população nativa, submetendo-a à escravidão, o que desorganizou a economia e sociedade local. Nos primeiros 50 anos, a população caiu de 88 para 30 milhões de habitantes.

As civilizações americanas no momento da colonização europeia possuíam muitas realizações impressionantes.

Por exemplo, os astecas construíram uma das cidades mais impressionantes do mundo, Tenochtitlán, onde hoje está localizada a Cidade do México, com uma população estimada em 500.000 habitantes. Civilizações americanas também exibiam realizações importantes em astronomia e matemática.

Muitos desses povos e seus descendentes ainda mantêm várias algumas tradições e práticas que dizem respeito aos tempos antigos, mesmo que combinados com culturas que foram mais recentemente adotadas.

A colonização da América Espanhola foi sem dúvida a mais destrutiva. Os espanhóis implantaram uma organização política verticalizada, com centralização administrativa rígida (vice-reinados) exercida pelo Rei através de uma elite (chapelones), que subordinava as demais classes nas colônias. Reformaram a economia nativa para fins de exploração de metais preciosos (século XVI e XVII) e de plantation (Século XVII-XVIII), segundo as metas do mercantilismo e do Pacto Colonial. Exploraram a mão-de-obra escrava, seja reaproveitando a própria tradição pré-colonial da mita, seja pela encomienda, ou mesmo pela escravidão negra no Caribe e Antilhas.

Sobre esta base produtiva os espanhóis estruturou-se uma sociedade dominada pelos chapelones (espanhóis responsáveis pela administração colonial) e pelos criollos (brancos, grandes proprietários de terras, descendentes de espanhóis). Abaixo desta elite encontravam-se mestiços (trabalhador pobre não-escravo) e escravos (negros e indígenas), sustentáculos da produção colonial.

As duas áreas mais produtivas para a Espanha foram o México, dominado por Hernán Cortez em 1519 e o Peru, dominado por Francisco Pizarro em 1533. As missões de dominicanos auxiliaram o processo de aproximação entre colonizadores e colonizados, contribuindo para a destruição da cultura nativa.

O maior defensor dos povos indígenas foi, no entanto o frei dominicano Bartolomé de Las Casas (1474-1566). Participou da segunda viagem de Colombo à América e foi missionário na Ilha Hispaniola, em Cuba e no México, onde foi bispo da região de Chiapas. Denunciou as atrocidades cometidas pelos espanhóis como a destruição de aldeias, os castigos cruéis e o martírio de índias grávidas. Na Espanha defendeu a tese de que os indígenas eram humanos, pois os europeus não reconheciam isto, nem mesmo os católicos.

Las Casas nasceu na Espanha em 1474, e era filho de um mercador que viajara com Colombo em sua segunda viagem. Depois de licenciar-se em Leis na Universidade de Salamanca, viajou para a ilha de Espanhola para servir como Conselheiro legal do Governador. Adaptou-se rapidamente ao estilo de vida influente dos colonizadores, aceitando o ponto de vista convencional quanto à população indígena, tendo participado inclusive de ataques contra as tribos e os escravizados em suas plantações.

Provavelmente em torno de 1510, Las Casas sofreu uma transformação espiritual tal, que pediu para ser ordenado, tornando-se então no primeiro sacerdote a ser ordenado na América. Se interiormente ele havia mudado muito, exteriormente mudou muito pouco até então, porque aceitava com facilidade o estilo de vida que caracterizava a maioria do clero.

Aos poucos foi entendendo que o tratamento dado aos índios não correspondia aos preceitos cristãos e em 1514 por ocasião do Pentecostes, teve finalmente uma verdadeira conversão com relação ao tratamento que afligia os indígenas, porque deduziu que a fé cristã era radicalmente incompatível com o modo desumano pelo qual os espanhóis tratavam os índios. A partir desta concepção juntou-se aos dominicanos, onde encontrou apoio para o seu ponto de vista.

O primeiro clamor pela justiça no Novo Mundo foi levantado em 1511, pelo frade dominicano Antonio de Montesinos na Ilha Espanhola. Mais tarde Las Casas tomou partido em sua defesa. Segundo Las Casas, Montesinos clamava:

“Dizei-me: com que direito ou justiça mantendes estes índios em servidão tão cruel e horrível? Com que autoridade travastes uma guerra detestável contra estas pessoas, que habitam com quietude e paz na sua própria terra?... Porque os mantendes tão oprimidos e cansados, sem lhes dar o bastante para comer, nem cuidar deles nas suas enfermidades? Porque com o trabalho excessivo que exigis deles, adoecem e morrem, ou, na realidade, vós os matais com vosso desejo de extrair e adquirir ouro todos os dias. E quais cuidados tomais a fim de que sejam instruídos na religião?... Não estais obrigados a amá-los como amais a vós mesmos?... Tende certeza de que, neste estado, não podeis ser salvos mais do que os mouros ou os turcos”. (citado em <http://www.bibliapage.com/bartolom.html>; Hanke, 1965, p.17).

A **colonização inglesa** na América (13 colônias) apresentou o predomínio do caráter de colonização de povoamento no Norte, devido a perseguições religiosas, favorecendo a autonomia política na ocupação. No sul predominou o sistema de plantation, enquanto no Norte o predomínio foi da pequena produção agrária e artesanal, voltada ao mercado interno. Houve certo relaxamento das imposições colonialistas, permitindo o comércio triangular (13 colônias – Caribe - África) A mão de obra típica do Sul foi o escravo, enquanto no Norte prevaleceu a mão-de-obra familiar e assalariada.

A **colonização Holandesa** priorizou formas de investimento de capital e de revenda, como o verificado na parceria com Portugal – século XVI: a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais financiou a empresa açucareira do Nordeste brasileiro, refinou e comercializou o produto na Europa. Holandeses também utilizaram a pirataria contra espanhóis nas Antilhas.

A **colonização Francesa** adotou a pirataria do século XVI e a invasão. Fundaram a França Antártica (RJ-1555), a França Equinocial (MA-1612). Também ocuparam Lousiana, Quebec e Haiti.